

acesso
revista Cet
completa

acesso
sumário



Como pensar as práticas culturais nas novas propostas de internacionalização da Universidade

Paulo Roberto Monteiro Araújo / Ingrid Hotte Ambrogi / Elcie Masini

Grupo de Pesquisa: Educação, Tecnologia e Hipermidia [EDUTECHI]
Grupo de Pesquisa: Culturas e Artes na Contemporaneidade
Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura
Centro de Comunicação e Letras
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Como pensar as práticas culturais nas novas propostas de internacionalização da universidade

Elcie F. Salzano Masini
Paulo Roberto de Araujo
Ingrid Hötte Ambrogi

IDENTIDADE E ALTERIDADE NA UNIVERSIDADE INTERNACIONALIZADA – AS RELAÇÕES EU-OUTRO

Elcie F. Salzano Masini

Dificilmente deixa seu lugar aquele
que habita próximo da origem...
Hölderlin

No panorama da universidade brasileira propomos uma focalização das relações no interior dessa instituição educacional.

Enfocar as práticas culturais nas propostas de internacionalização da Universidade implica voltar-se para as relações em uma sociedade alternativa – virtual e presencial – na qual o discurso plurívoco de um refletir coletivo de identidades e alteridades poderá estar pleno de concordâncias, divergências e controvérsias, de modo implícito ou explícito.

Nesta perspectiva interessa pensar sobre processos que permitam compreender a relação dialética entre o individual e o coletivo e indagar: 1) Haverá constituição de um refletir coletivo se não houver a compreensão da voz própria de cada indivíduo e os significados do seu contexto cultural? 2) Haverá comunicação vivenciada, profunda e polissêmica se não houver interação com a palavra do outro, respostas às perguntas surgidas no diálogo?

Nas transações cotidianas na universidade, o diálogo cultural passa por muitas linguagens diferentes: orais, escritas, imagéticas, corporais, mediadas por instrumentos ou signos. Na universidade internacionalizada, essa diversidade se amplia. A relação entre o eu e o outro, quando considerada na perspectiva intercultural, atinge o seu mais alto grau de dessimetrias e renúncias, conforme Durante. [1].

As novas propostas, de internacionalização da Universidade, poderão, assim, compor uma intensa teia de relações interpessoais, provocando mudanças em cada um, como componente da polifonia das várias vozes e da reflexão coletiva. A ampliação do diálogo e do conhecimento ocorre, porém, na dependência da compreensão do comunicado individual de cada participante, no sentido assinalado por Bakhtin [2]:

A compreensão do enunciado pleno é sempre dialógica [...] não se pode interpretar as relações dialógicas em termos simplificados e unilaterais, reduzindo-as a contradição, luta, discussão, desacordo. A concordância é uma das formas mais importantes de relações dialógicas. A concordância é muito rica em variedades e matizes. ([2], p.331)

O desafio na questão da identidade e alteridade – nas propostas de internacionalização da Universidade – é o de desvendar caminhos para aguçar a atenção às novas problemáticas e desafiantes questões e saberes e novas técnicas; é o de preservar o contexto em que cada um se encontra, evitando aplicações rotineiras e regras gerais a qualquer situação com consequente desvanecimento de identidades e alteridades.

Nesta perspectiva, é importante assinalar a convicção de que estamos sempre com os outros. O “ser-com” é um constitutivo do existir humano, segundo Heidegger; e o relacionar-se de modo envolvente imbrica características básicas de ter consideração e de ter paciência com o outro [3]. Uma das manifestações da consideração com o outro é a disponibilidade para receber sua comunicação e buscar compreender os significados individuais e culturais de quem faz a comunicação, no que é falado e silenciado e na expressão gestual. A voz de um pensador voltado a questões existenciais na educação explicita esse ponto de vista.

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporcionar que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometida com o comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação ([4], p.32).

A ausência da comunicação está presente na crise educacional, em todo o mundo, e na busca por novas soluções de autores que apontam a necessidade do diálogo na educação. Nesse sentido, vale destacar um dos grandes teóricos estudiosos do tema, que teve importante influência sobre o cenário educacional, principalmente no Brasil: Donald A. Schön [5].

A teoria defendida por Schön baseia-se em um conhecimento que valoriza a epistemologia da prática e do conhecimento que surge a partir da reflexão sobre a prática. Desafia os profissionais a não serem meros técnicos

executores, que seguem aplicações rotineiras e regras. Põe em relevância a ideia de um profissional reflexivo, que sempre se propõe a responder a novas problemáticas e desafiantes questões, produzindo, destarte, novos saberes e novas técnicas, a partir do contexto em que se encontra, cujo saber fazer caracteriza-se por certa sensibilidade que quase se iguala à sensibilidade de um artista. É uma epistemologia que se constrói no dinamismo do fazer de identidades e alteridades em relações dialógicas, conforme ilustra a afirmação a seguir:

Escuta-se antes de ouvir, silencia-se indo contra a corrente da fala. Escutar é uma forma de perceber compreendendo. Quem é surdo, pode escutar sem ouvir. E quem ouve verdadeiramente, não escuta sons esparsos, sem conexão; percebe o ruído pesado da chuva, o prolongado ciclo do vento, etc. Perceber dessa maneira é compreender, como se compreende o outro, escutando-o e como escuta ou ausculta com as mãos, apalpando, aquele que nada vê. Mais do que a minha fala, a escuta de quem me ouve assinala a ocorrência da compreensão. Pode também assinalá-lo o meu silêncio, quando interrompo ou deixo em suspenso o meu discurso para aquele que me ouve [6].

Contribuem, também, para refletir sobre identidade e alteridade na universidade internacionalizada a obra de Morin, Ciurana e Motta [7]. Esses autores discutem as condições para emergência de uma sociedade composta por cidadãos comprometidos com a construção de uma civilização planetária. Referem a eixos estratégicos para organizar a informação e a dispersão do conhecimento e para a elaboração de uma mundologia cotidiana e o fortalecimento de atitudes e aptidões para sobrevivência da espécie humana. Os autores apresentam diretrizes para reflexão em seis eixos dentre os quais cabe assinalar: o repensar a concepção de desenvolvimento e criticar a ideia de subdesenvolvimento, ao buscar a plenitude e completude dos indivíduos e das culturas, através da música, poesia e artes em geral; a complexidade de um devir planetário ao descobrir as relações de inseparabilidade entre identidade individual, fenômeno e seu contexto e qualquer contexto com o contexto planetário. Resgatam, na crise educacional do século XXI e na desesperança das informações dispersas, seis princípios de esperança, dentre os quais é relevante, para este tema, destacar: o “princípio da salvação – consciência do perigo”, que ilustra com uma afirmação de Hölderlin “onde cresce o perigo, cresce também o que salva”; “o princípio antropológico” – constatação de que o Homo sapiens/demens usou pequena parte de suas faculdades intelectuais, afetivas, culturais, civilizacionais, sociais e políticas. Poderá, pois, ampliar-se, ao fazer maior uso das suas próprias possibilidades.

A mesma perspectiva, referente às relações eu-outro, identidade-autoridade, encontra-se nas obras de Laing [8] e Winnicott [9], representantes da psicanálise existencial. Discutem esses autores as relações a partir do que denominam “self” – conjunto dinâmico das identificações que se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva, na totalidade corporal, da afetividade e racionalidade: o “self real” manifesta de forma genuína seu sentir, pensar, agir, provindo de uma realidade vivenciada de uma identidade individual e cultural e o “falso self” manifesta as expensas do núcleo autêntico do “self” em prejuízo de uma adaptação “bem-sucedida”. Em uma ilustração cinematográfica do “falso self”, Woody Allen retrata o personagem de Zellig, que mudava de identidade conforme as circunstâncias.

Como afirmam esses psicanalistas existenciais, algumas vezes as relações e interações das pessoas se fazem através de pseudoconfirmações, isto é, pela confirmação de um “falso self”. Nesse caso, o “self real”, aquele que se refere à própria maneira de ser da pessoa de expressar seus sentimentos e pensamentos genuínos, não é confirmado. Não há reconhecimento de sua identidade, mas daquilo que se adapta aos padrões estabelecidos.

Laing [8] assinala que esse tipo de relação é acompanhado pelos processos psíquicos de simulação, que define como disfarce – dissimulação, falta de correspondência com a verdade – e evasão, um meio de rodear um conflito sem resolvê-lo. Na situação de evasão há uma divisão do “self”, que inclui uma mente desencarnada e um corpo desprovido de alma, que pode ser acompanhada por uma sensação subjetiva de vazio, de inutilidade e de irrealidade.

As concepções dos autores apresentados constituem um convite para pensar as condições requeridas para as práticas culturais nas novas propostas de internacionalização da Universidade. Oferecem perguntas em busca da constituição de um refletir coletivo em que se manifeste a compreensão da voz própria de cada indivíduo e os significados do seu contexto cultural. É uma solicitação aos responsáveis e participantes das novas propostas de internacionalização da Universidade, para que seja privilegiada uma comunicação vivenciada, profunda e polissêmica de interação com o outro, de respostas a perguntas surgidas no diálogo.

DIFICULDADES PARA AS RELAÇÕES MÚLTIPLAS NA UNIVERSIDADE

Paulo Roberto Monteiro de Araujo

A ação do homem não pode ser reduzida nem a uma mera visão subjetivista, nem a uma forma cientificista. Neste aspecto, é preciso haver uma contraposição às formas objetivadas para se investigar o que é o homem. Heidegger, em Ser e Tempo, salienta no parágrafo 10 que, antes da

antropologia, biologia ou da psicologia quererem responder o que é o homem "was der Mensch sei", elas precisam voltar-se para o pré-ontológico, compreendido como instância em que podemos visualizar o problema da interpretação que o homem, em sua existência, elabora do seu próprio ser como realização de uma possibilidade identitária. Não é à toa que Heidegger diz que a pessoa não é coisa: Die Person ist Kein Ding, Keine Substanz, Kein Gegenstand. Tematizando a questão das ações humanas como modo de determinar o que é o homem em suas expressões temporais, a ação possui uma determinação interpretativa que a lança para o interior da própria identidade humana, considerada como um modo de ser (Seinsart).

A interpretação de si mesmo possibilita ao homem voltar-se para a elaboração de um modo de ser. É na e pela linguagem, sem o seu caráter instrumental, que o homem ganha a capacidade de expressar a si mesmo, isto é, a sua identidade como aquilo que lhe é mais próprio. A linguagem, ao passar da função instrumental designativa das coisas para o âmbito das capacidades expressivas dos agentes humanos, cria uma série de dificuldades para captarmos o seu centro de gravidade (centre of gravity)[10]. É na sua suposta confiança na existência de um centro de gravidade da linguagem que as teorias designativas tentam apreender o caráter pleno da produção significativa dos indivíduos. Para a perspectiva designativa, a linguagem é um instrumento e, por isso, encontrar o seu centro de gravidade parece ser algo fácil de se captar. A linguagem limita-se a servir aos propósitos de quem a utiliza para distinguir as idéias através de termos designados antecipadamente. (Exemplo: porque alguém tem um gen X, age de forma Y).

Ao nos possibilitar sermos homens, a expressão se configura como sendo essencialmente manifestação de nós mesmos. A expressão é, antes de tudo, uma reação frente ao nosso modo de sentir ou experimentar o mundo, ou, ainda, expressão de reação face ao mundo.

Podemos salientar que a razão desenvolvida ao longo da formação do ocidente moderno-contemporâneo levou a uma espécie de aprisionamento da expressão, gerando, assim, consequências complicadoras no que tange às ações dos indivíduos, pois são imbuídas de formas de compreensão do ser. As teorias expressivistas não podem ser meramente desprezadas, por não passarem pelo clivo das metodologias científicas, as quais estão preocupadas somente com a criação de leis instrumentalmente válidas em termos universais. É contra o esquema da instrumentalidade que pensadores como Charles Taylor [10] desenvolve a questão da linguagem não como simples meio designativo, mas como interpretação do próprio ser. Por outro lado, na esfera da linguagem, surge o problema da justeza entre aquilo que se quer dizer e aquilo que é

expresso, que traz em si a questão da compreensão subjetiva. A justeza da linguagem é o modo pelo qual o indivíduo procura configurar a si mesmo no espaço da convivência como mit-Dasein, com o intuito de expressar significativamente a sua identidade ou aquilo que ele percebe ao seu redor. Deste modo, por mais 'inconsciente' que esteja aquilo que o indivíduo expressa, a sua atitude deve refletir o que ele quer dizer publicamente, no sentido de dizer a sua determinação existencial, ou seja, aquilo que ele é como possibilidade de ser. Para isso, o homem não pode ser compreendido de modo categorial, cujo fundamento estaria dado por formas objetivadas, seja pela psicologia, seja pela biologia.

Assim, a justeza lingüística desenvolvida pelo homem por meio da reflexão serve para que este construa signos individuais, cuja função é permitir que as expressões sejam reconhecidas e distinguidas no espaço público, sem terem um caráter reificador. A linguagem é remodelada a todo instante pelos diversos modos de ser do homem no mundo. Ela nunca pode ser dominada, pois o seu centro de gravidade jamais é alcançado. No dizer do filósofo canadense Charles Taylor No que se refere à linguagem, somos tanto construtores como construídos[11].

A estrutura auto-transformadora da língua faz brotar de si mesma novas formas de linguagem. A teoria Herder da linguagem possibilita abrir os horizontes teóricos no que se refere à origem das expressões humanas como manifestação significativa das suas identidades. É nesta esfera, de uma teoria da linguagem como expressão da identidade, que podemos obter a contribuição de Holderlin, que diz em seu texto intitulado Da Reflexão que:

Numa linguagem autenticamente trágica, o original, o que está sempre a criar-se... é o surgimento do individual a partir do infinito e o surgimento do finito-infinito ou eternamente individual a partir de ambos, a apreensão, o reavivamento não do que se tornou inapreensível e desalmado da própria desagregação e da luta de morte por meio do que é harmônico, vivo e apreensível. O que, aqui, se exprime não é a dor primeira da desagregação nua e crua, em seu fundo ainda desconhecida para o sofredor e o observador. Aqui, o recém-nascido, o ideal é indeterminado, um objeto temido, ao passo que a desagregação em si mesma parece algo subsistente, algo mais real, que concebe como necessário o que se desagrega. O que se encontra no estado entre ser e não-ser. (Holderlin, p.74)

Assim, a desagregação leva à indigência temporal, expressa no estado entre ser e não-ser, tornando possível a formação

de algo novo, que permite a recuperação da criação em sua determinação original, considerada o inesgotável das relações e das forças vinculadas ao movimento infinito de transformação. O inesgotável, tanto quanto o inesgotado, são, para Hölderlin, os elementos divinos que nos permitem sentir a desagregação e não o inverso, uma vez que nada surge do nada (Hölderlin, p.74). É o próprio Ser que se desagrega em sua determinação temporal para poder se elaborar novamente como vida. Deste modo, o processo de criação se constitui por meio da própria desagregação, que traz consigo o novo, aquilo que permite o Ser se efetivar como possibilidade finita-infinita.

A vida nova é agora, realmente, o que se desagregou e tinha que se desagregar (idealmente antigo), é a desagregação necessária, caracterizada pelo estado intermediário entre ser e não-ser. No estado entre ser e não-ser, porém, o possível é sempre real e o real ideal, o que, na livre imitação artística, constitui um sonho terrífico, mas divino. (Hölderlin, p. 74).

O fenômeno da linguagem não tem nada a ver com a ideia de uma articulação de termos designativos que o empirismo nos deu. Por isso, filósofos como Charles Taylor argumentam que com as teorias designativas acaba havendo uma restrição implícita das atividades da linguagem. Eis o motivo de Taylor [10] dizer que, com a teoria expressiva, abre-se uma nova dimensão para a linguagem. Ele ainda reforça essa ideia ao salientar que a visão expressiva produz uma concepção de linguagem muito maior e mais profunda.

A batalha entre expressivistas e designativos faz com que Taylor [10] coloque os primeiros no campo dos herdeiros dos românticos e os segundos no campo dos herdeiros dos Iluministas. Nesta linha de raciocínio, ele faz a divisão entre a dominação da natureza e a necessidade de reconciliação com a mesma.

Este último ponto pode ser visto como tema clássico do pensamento moderno que, se por um lado, cede com a natureza, em um sentido de romper com a totalidade, por outro lado, a busca pela reconciliação também traz alguns elementos complicadores para o entendimento da identidade moderna.

O homem moderno, seguindo o seu destino de estar em uma instância existencial de separação com o Todo, está separado dos Deuses, no dizer de Holderlin. Por outro lado, como diz também Holderlin, se os deuses não se retirassem, o homem não poderia encontrá-los. Reencontrar os Deuses, para Holderlin, é reencontrar a própria origem do Ser. Deste modo, o homem permanece numa indeterminação do seu próprio ser (daí o fato da ciência, como dominação do ente, expressar uma era da indigência).

Indicando-se na psicologia, antropologia e biologia a falta de uma resposta precisa e suficientemente fundada, do ponto de vista ontológico, para a questão do modo de ser deste ente que nós mesmos somos, não se pretende emitir um julgamento sobre o trabalho positivo destas ciências. Por outro lado, deve-se ter sempre em mente que estes fundamentos ontológicos não podem ser obtidos posteriormente a partir de hipóteses sobre um material empírico.

Deste modo, ao não deixar que as coisas se mostrem ou aconteçam a partir do Ser, a Técnica como linguagem instrumental faz com que a nossa contemporaneidade se mostre como o mundo sem casa, The Homeless World, no dizer de David Kolb. O pensamento calculador desenvolvido pela técnica fica à mercê de uma subjetividade vazia. Não é por acaso que Heidegger se coloca contra as formas de subjetividades, cujo cerne está no modelo contemplativo racional das teorias do sujeito. Heidegger se torna, por meio da sua concepção de linguagem, a qual se vincula às teorias expressivistas, radicalmente um antissubjetivista. A linguagem não pode ser meramente vista como instrumento para apreender as determinações do sujeito.

REFLEXÕES SOBRE OS USOS DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

Ingrid Hötte Ambrogi

Fazer prognósticos sobre a educação superior brasileira envolve discussões mais amplas do que as –técnico-acadêmicas ou, até mesmo, o uso ou não das tecnologias da informação e da comunicação (TIC).

Envolve pensarmos em que tipo de cidadão desejamos formar, tendo como realidade uma sociedade multifacetada em aspectos como os econômicos, os culturais, os históricos e os sociais, apenas para citarmos os de maior abrangência. Muitas dessas discussões sobre educação evocam um porvir, sempre o amanhã, nunca o hoje, como nos discursos do passado que remetiam a imagem de uma grande nação brasileira, que um dia nasceria.

Hoje, podemos afirmar que temos condições econômicas melhores, igualmente, o acesso à educação foi ampliado; no entanto, a qualidade de boa parte dos cursos universitários não acompanha esses índices.

Em relação ao uso das TIC, não há como negar sua existência e a necessidade de usá-las; no entanto, há que se pensar como seu uso tem sido difundido e como está alicerçando a formação dos novos profissionais hoje no Brasil.

Tornar um profissional competente é formá-lo com conhecimento específico e capacidade de atuar na sociedade de maneira competente e ética.

Ao que tudo indica, ao mesmo tempo que as tecnologias em geral se mostram como um novo oceano a ser desvendado, inquietam por suas possibilidades de integração e pesquisa; novas formas de trabalho, mas que, igualmente, fazem pensar como elas estão sendo usadas.

Podemos questionar então, o que os usos das TIC efetivamente proporcionam em termos de qualificação, diante da enorme diversidade de um país como o nosso, continental.

Certamente, as múltiplas formas de integração que as tecnologias proporcionam e a forma como alicerçam e difundem o conhecimento são pontos que podem ajudar a contornar as diferenças regionais em nosso país. No entanto, há, em nossa realidade com igual vigor ao encantamento que as TIC utilizadas em cursos on line proporcionam, um barateamento de cursos e propostas de formação duvidosas, utilizando-se dessas mesmas ferramentas.

Como podemos visualizar na história, esse fenômeno não é novo, tão pouco se dá exclusivamente em relação à universidade e a formação oriunda desse nível de ensino, ou pela utilização ou não de tecnologias de ensino a distância. Ocorre que, paradoxalmente, a formação a distância promovida pelas tecnologias pode se constituir de maneiras diversas em relação à forma como se efetiva na prática. Os cursos on line podem tanto utilizar ferramentas que fomentem a participação, a criticidade, a construção de saberes; como podem isolar, tornar a formação uma sucessão de tarefas individuais, apenas visando uma das habilidades cognitivas, a memorização.

Podemos igualmente imaginar muitas nuances dentro desses extremos, mas a grande questão seria criar formas de usar as tecnologias e divulgar as iniciativas de qualidade, mostrando suas características, e assim revelar quais cursos formam seus participantes e quais apenas certificam.

É inegável que as tecnologias deverão alterar ainda mais as relações com conhecimento, sua difusão, o espaço para aprender, as formas de pesquisa, entre outros tantos fatores. Certamente, poderíamos ter a sensação de um mundo menor, mais colaborativo, democrático e solidário.

Evocando, nesse sentido, o sociólogo português Boaventura de Souza Santos [12]: para ele no mundo globalizado há a queda das fronteiras rígidas, tanto físicas, quanto culturais para, em seu lugar, surgirem as bordas, como divisões permeáveis e dinâmicas.

Retomando a premissa dessa comunicação, diante dos inúmeros avanços da utilização das TIC, que certamente não retornarão a patamares anteriores, pois seria o mesmo que voltar à idade das cavernas, deve-se ter o cuidado em manter o ser humano como protagonista no universo das tecnologias, e o seu bem estar deve ser preservado diante de inúmeros interesses que circulam no comércio dos serviços educacionais, derivados dessas conquistas. Certamente, a partir daí teremos as tecnologias como aliadas, meios de uma vida mais democrática em que o conhecimento pode ser acessado por todos.

Uma das vertentes que dão sustentação ao uso das tecnologias é o pensamento complexo, que se estabelece na medida em que se complexificam as relações dos sujeitos e em decorrência da própria sociedade.

A complexidade parte da redefinição do pensamento clássico, que se deu através de pesquisas de autores, tais como; Ilya Prigogine, Karl Popper, Thomas Kuhn, especialmente introduzindo o conceito de aleatoriedade, base do pensamento complexo.

John Dewey, igualmente rompe com os modelos cartesianos, quando propõe práticas educativas a partir de suas investigações que apresentam a experiência em seu aspecto essencialmente dinâmico. Para ele, aprender vincula-se a toda experiência modificada, concepção que o leva a admitir a existência de processo contínuo de criação de conexões e continuidades, propiciando permanentes recriações dos elementos envolvidos.

Nesse sentido, o pensamento complexo tem por característica segundo Morin [13];

- Contextualizar, globalizar o conhecimento – tece redes.
- Buscar respostas de maneira multidirecional, atrelando experiências, vivências e insights.
- Ter uma visão global, integradora, qualitativa e criativa.
- Incorporar experiências vivências, buscando novas respostas, mais integradas ao contexto não linear.

Portanto, não há como determinar uma forma de conduzir um percurso diante do conhecimento quando se tem por base a complexidade.

Como diria Machado *"El camino se hace al andar"*. (apud MORIN, [13])

Morin, [13] indica a possibilidade em tratar a educação de maneira integral e integrada, especialmente concebendo as tecnologias que podem permear esse processo, vislumbra-se segundo o autor que,

Para promover uma nova educação tendo como meta a formação do ser humano, certamente essa teria um caráter transdisciplinar para o qual precisamos de um paradigma que, certamente, permita distinguir, separar, opor e, portanto, disjuntar relativamente esses domínios científicos, mas que, também possa fazê-los comunicarem-se entre si, sem operar a redução. (Morin, [13], p. 56)

REFERÊNCIAS

- [1] DURANTE, D. C.. Alteridade e reflexão intercultural: seus objetivos no quadro das práticas artísticas em geral e da fala literária em particular. **Sociopoética** Revista do Mestrado de Literatura da Universidade da Paraíba, 2007, n. 1, Diálogos Interculturais.
- [2] BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- [3] SPANOUDIS, S. Apresentação – A todos que procuram os próprios caminhos. In: Heidegger, M. **Todos nós... ninguém**. São Paulo: Moraes, 1981.
- [4] FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- [5] SCHON, D **The Reflective Practitioner: How professionals think in action**. London: Temple Smith, 1983.
- [6] NUNES, B. Heidegger e a poesia. **PePsic.**, São Paulo, SP. v. 2, n. 1, p. 103-127, jun. 2000. ISSN 1517-2430. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2009.
- [7] MORIN, E. ; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez, 2003.
- [8] LAING, R. **O eu e os outros**. 4 ed. Petrópolis, Vozes, 1972. Título original em inglês 1961.
- [9] WINNICOTT, D W. **Ego distortion in terms os true and false self**. London: Hogarth Press, 1965.
- [10] TAYLOR, Charles, **Language and Human Nature**, p. 237.
- [11] Idem, p. 111
- [12] SANTOS, Boaventura, **A Crítica Da Razão Indolente - Vol. 1**, São Paulo, Ed. Cortez, 2000.
- [13] MORIN, Edgar **Complexidade e Transdisciplinaridade: a Reforma da Universidade**, Natal, EDUFRN, 1999.
- [14] Idem